

«HÁ QUE MUDAR DE VIDA, ENQUANTO É TEMPO».

RAMALHO EANES

no discurso de 25 de Abril na Assembleia da República

(Avença)



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 726

ANO XXI

10/5/1979

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

FESTAS DE HOMENAGEM A NOSSA SENHORA DA PIEDADE

converteram-se numa exuberante manifestação popular de religiosidade e civismo

O transcorrido ciclo de festas em Loulé de homenagem e louvor a N.ª Sr.ª da Piedade, averbou como é de seu timbre de longa data confirmado uma palpitante legenda de religiosidade, de civismo e devotamento populares, apanágios estes que dominaram por completo todos os actos e acontecimentos programados, os quais se prolongaram por vários dias, desde 15 a 30 de Abril último.

Divididas tradicionalmente, tal como são conhecidas e designadas pelo vulgo, de Festa Pequena e Festa Grande, integrando cada componente tanto cerimónias litúrgicas como eventos de cariz laico e cívico, este copioso surto de ma-



nifestações congregaram como é hábito não só as atenções locais como, na parte culminante, as do Algarve cristão em geral.

O povo acorreu sempre e par-

(Continua na pág. 3)

«SER GENTE»

agradece e convida

Nós, os elementos do grupo «Ser Gente» agradecemos ao sr. Manuel Faria e ao director deste jornal por terem feito referências ao nosso grupo. E fazêmo-lo não pela satisfação de sermos enaltecidos, mas porque achamos que o nosso simples exemplo poderá ser um incentivo para as camadas jovens se congregarem e fundarem novos grupos para darem às populações algo de si e ao mesmo tempo arranjararem forças para suportarem os problemas deste mundo alienado e corrupto.

O nosso grupo, por mais estranho (Continua na pág. 2)

DR. MANUEL SOUSA ALVES MATIAS

Tomou posse e começou logo no exercício das suas funções, no dia 6 de Abril último, o novo médico natural desta vila, Dr. Manuel Sousa Alves Matias, que no Hospital Concelhio de Loulé, exerce a assistência clínica das enfermarias, coordenação dos serviços de urgência e ainda as in-

(Continua na pág. 7)

FESTIVAL DE MÚSICA

dado pela Banda da Força Aérea em Loulé

Integrado nas Festas de Nossa Senhora da Piedade e de acordo com o programa deenado para a respectiva parte cultural e cívica, a Banda de Música da Força Aérea, regida pelo maestro alareres Mario José da Costa Marques, louletano de raiz, actuou em grande plano interpretativo e orquestral no passado dia 30 de Abril último, no Cine-Teatro Louletano.

Escasso no início do concerto, o público foi afluindo gradualmente e quando o sarau chegou ao seu termo, pouco espaço restaria para a sala de espectáculos ficar repleta.

No aspecto receptivo, a assistência, de um modo genérico, exteriorizou o seu agrado e apreço, ovacionando estrondosamente as composições executadas com mestria e afinação extremas pelos componentes da Banda da Força Aérea.

O programa estabelecido para (Continua na pág. 7)

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Os contemporâneos de Horácio, se ressuscitassem para ouvir Mafalda (a Democracia!) recitando a cantata admirável, associariam os seus aos aplausos da Assembleia

Crónica de LUIS PEREIRA

Dia 28 de Abril, mês quente, engraçadíssimo, dotado de uma alma capaz de se aperfeiçoar e de se ornar. Loulé, pelas 15 horas de sábado, é uma vila miniguada, as gentes a fugirem para Quarteira e outras, por óbvias razões sentimentais, destapando o seu olhar até Faro, onde se

FALECEU O DR. GUERREIRO MURTA ilustre louletano e eminente pedagogo

No transacto dia 30 de Abril, faleceu em Loulé cerca das 16 horas, o Dr. José Guerreiro Murta, com a provecta idade de 87 anos, passamento este que lançou compreensível consternação nos meios sociais desta vila, mais relacionados com o finado, que gozava de gerais simpatias e estima, quer pelo seu trato afável, quer devido a sua apurada personalidade.

Há perto de quatro anos, depois de se ter desligado dos seus cargos oficiais, radicou-se na terra natal, Loulé, passando a residir em casa de uma sua sobrinha, a sr.ª D. Maria Murta de Oliveira e Sousa, esposa do sr. (Continua na pág. 7)



TURISMO E DEMOCRACIA

«CAMPANHA — Grande é a campanha desenvolvida revelaram-nos, para sanear da Comissão Regional de Turismo do Algarve o seu actual titular (Cabrita Neto, de quem o governador Carrapato não gostará quase nada), nela o substituindo por Luís Filipe Madeira, o tal senhor que, no início do «prec», afirmou, à varanda da Câmara Municipal de Albufeira, que o Turismo era «a prostituição de um povo». Claro que isso pressuporá pelo menos, que o sr. Madeira já tenha mudado de opinião».

(Continua na pág. 7)

Novos escândalos em Quarteira

Contrariando os mais elementares princípios de estética e de urbanização paisagística, implantou-se em Quarteira, há pouco mais de 5 anos, uma autêntica muralha de cimento... quase junto ao mar.

Face a erros semelhantes

(também cometidos no estrangeiro) e que uma nova e mais ampla visão prática está condenando, têm sido muito criticadas as asneiras cometidas em Quarteira.

Veja-se o que aconteceu em Torremolinos, a famosa praia do

sul de Espanha, onde grupos de ambiciosos, corruptos e egoístas, movidos pelo feroz e excessivo apetite do lucro, ergueram torres e torres de altos edifícios desumanizados pelo desmedido uso do betão armado. Eles se-

(Continua na pág. 3)

TAP — UMA GRANDE EMPRESA EM PERMANENTE RENOVAÇÃO

(Conclusão)

No sector da informática, um dos mais sensíveis da empresa, 1/3 do pessoal trabalha 24 horas por dia, porque aí se concentra o cérebro de uma das maiores e mais dinâmicas empresas portuguesas.

Nos numerosos computadores análogos e outros, se concentram todos os elementos da vida da empresa.

Depois de esgotada a capacidade de retenção dos discos, estes são arquivados automaticamente noutro sector para futuras consultas.

É realmente impressionante a precisão com que este cérebro funciona e a incrível rapidez com que fornece os dados que lhe são solicitados, quer se trate reservas, horários, meteorologia, linhas, passageiros, etc., etc.

Aliás este sector é essencial no ordenamento e matemático controle de todos os aviões da TAP, cuja frota actualmente é composta pelos seguintes aviões: 12 Boings 707, de 168 lugares; 7 Boings 707, de 118 lugares; 1 Boing 727, de 166 lugares, e 2 Boings 747, de 370 lugares, os

(Continua na pág. 6)



As torres continuam crescendo em Quarteira e... os erros também!

«SER GENTE» agradece e convida

(continuação da pág. 1)

nho que pareça, não tem nenhum dirigente a coordenar as suas actividades. Apenas contamos com o apoio material e moral do sr. Padre Eliseu, mas mesmo assim muito limitado, dada a escassez do tempo e do dinheiro que dispõe.

Para quem gosta de teatro, ou pretende ingressar nele, que sirva a nossa pequena história de exemplo:

Este grupo começou por existir há cerca de ano e meio. A princípio não pensávamos sequer em fazer teatro. Começámos pelo esquisitismo, mas, como este Movimento não era do agrado de todos, o grupo estendeu-se a outras actividades, como decoração e trabalhos manuais donde resultaria a nossa primeira realização palpável — Um presépio — com uma árvore de 12 m. Isto no Natal de 1977. Na primavera de 1978 foi criada a secção de Teatro. Passados dois meses levámos a cabo uma pequena peça em Faro intitulada «Duelo da Vida». No início do Verão começámos a acelerar as nossas actividades teatrais e fundaram-se as secções de música e dança. Em Setembro fizemos os nossos dois primeiros espectáculos, só e entregues à nossa fraca experiência. Tivemos duas noites de casa esgotada e, com modéstia à parte, foi um pequeno êxito aqui nas bandas de Quarteira. Depois disso voltámos a aparecer em cena em Loulé no palco da operação Pirâmide, mas apenas com o grupo de teatro. Passados alguns dias foi feito um espectáculo para crianças e fizemos novamente o presépio, o que queremos manter como tradição.

Não desejamos de forma nenhuma sermos os únicos em Quarteira. Desde sempre tentámos e procurámos dar o nosso apoio a qualquer iniciativa teatral. Por isso apoiámos a ideia do emigrante sr. Filipe Morgado Viegas, que desejou pôr em cena, uma peça da sua autoria. Pediu a nossa ajuda e desde logo, nos dispusémos a dar-lhe o nosso apoio e colaboração na

medida do possível. Juntámos à peça do sr. Filipe algumas das nossas canções e pequenas cenas cómicas e, decorridos poucos meses, as portas do Salão paroquial abrem-se e aí se fizeram dois espectáculos em que os bilhetes foram vendidos enquanto «o diabo esfrega um olho». Estava realizado o desejo do sr. Filipe. Surgiram vários convites de repetição do espectáculo que com o tempo iremos satisfazendo que aliás já começámos por satisfazer o convite das Peregrinas. Embora entremos num período de fraca actividade, visto a aproximação dos exames, deixamos um apelo a todos os jovens: que o nosso modesto exemplo te leve a agir por causas justas e que te enriqueças através delas. Se tens alguns projectos e se quiseres o nosso apoio para o concretizar, conta connosco no que estiver ao nosso alcance. Achamos que já é tempo dos jovens deixarem de ser covardes e irem atrás da droga ou de qualquer outra forma de alienação e se sentirem responsáveis no destino do mundo de amanhã.

Se partilhas destas opiniões estás automaticamente convidado a fazer parte do nosso grupo e da sua árdua tarefa de recrear e instruir.

António Pinto e
Florindo Sousa

VENDE-SE

AUTOMÓVEL

Opel Record, 1.700 (cilindrada) em estado novo.

Tratar pelo telefone 62631 LOULÉ (das 13 h. às 14 h. ou a partir das 20 h.).

(3-3)

COMPRA-SE

Pistola 6.35 em bom estado. Resposta ao n.º 37 da Av. José Costa Mealha — LOULÉ.

(2-2)

APARTAMENTOS E LOJAS

VENDEM-SE, NO MELHOR LOCAL DA VILA, EM ACABAMENTO E DE LUXO.

TRATAR COM SR. MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — TELEF. 62449 — LOULÉ.

A CONTABILIDADE É NECESSÁRIA

TÉCNICO DE CONTAS COM 15 ANOS DE INSCRITO E IDÓNEO PARA ORGANIZAR E DIRIGIR NÃO APENAS PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE, MAS TAMBÉM ASSUNTOS FISCAIS E ESTATÍSTICOS. DISPÕE DE ALGUM TEMPO LIVRE.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 41.

Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de onze do corrente mês

LOULÉ



JOSÉ DA SILVA
MALTEZINHO

AGRADECIMENTO

Sua mulher e filha, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantas se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não podemos esquecer.

Quinta Monte Novo
LOULÉ



MANUEL PIRES JÚNIOR
AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

de Abril, de folhas 50 a 52, do Livro n.º C-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima indicado, foi constituída entre Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Manuel António Madeira e Afonso Domingos Rodrigues Seromenho, Lda.» e tem a sua sede no sítio dos Solões, freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado, e conta o seu início a contar desta data.

3.º — O seu objecto consiste na exploração de um restaurante, snack-bar e similares, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade que os sócios acordem e não seja proibida por lei.

4.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social é de cento e quarenta mil escudos, dividido em duas quotas, do valor nominal de setenta mil escudos, cada, pertencendo uma a cada sócio.

5.º — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os sócios, gozando a sociedade e os sócios, respectivamente, do direito de preferência no caso de cessão a estranhos.

Art. 6.º — 1. — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence aos sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. — Para obrigar validamente a sociedade é necessária a assinatura dos dois sócios gerentes, conjuntamente, bastando qualquer uma delas, para os actos de mero expediente.

3. — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

7.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Abril de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

Cabaça — Salir



ANTÓNIA MARTINS
AGRADECIMENTO

Sua família vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA
(10-9)

CAFÉ DELFIM

TRESPASSA-SE

COM SNACK-BAR E SALÃO DE CHÁ.

NO MELHOR LOCAL DA VILA.

TRATAR PELO TELEF. 62093 — LOULÉ.

(4-3)

FESTAS DE HOMENAGEM a Nossa Senhora da Piedade

(Continuação da pág. 1)

ticipou em todos os actos decorridos, desde que a excelsa imagem da Mãe Soberana transpôs os umbrais do seu santuário, situado no cimo de um íngreme cerro, desceu à vila e aqui permaneceu entre os devotos, rodeada de orações e cânticos, até ao seu regresso, à capela, onde permanecerá patente à união dos inúmeros fiéis e peregrinos.

Outra vez e com igual fervor, o povo esteve presente espontaneamente, e mais uma vez fez uma demonstração cabal do seu pendor congenitamente religioso, e de aderência e fidelidade incondicionada a um culto de arreigada interiorização.

As Festas e N.ª Senhora da Piedade, traduziram como se desprende uma indefectível e perentória vinculação espiritual que vive e sobrevive na alma simples do nosso povo.

Tem cabimento, entretanto, discernir o motivo por que as celebrações são conhecidas por Festa Pequena e Festa Grande.

Em função do tempo, a Festa Pequena tem mais longa duração, pois comporta 14 dias, enquanto a Festa Grande, apenas 1 ou 2 dias.

No interior desses mencionados 14 dias, realizaram-se a maior parte das cerimónias litúrgicas e rituais. Com efeito, tiveram lugar durante esse período, a procissão da veneranda imagem de N.ª Senhora da Piedade para a Igreja de São Sebastião, celebrações da Eucaristia, recitação do Rosário (Novenas) e pregações alusivas.

Todavia os dois últimos dias programados, foram precisamente os mais relevantes, especialmente o dia 29 de Abril, que foi ampla e intercaladamente preenchida com acontecimentos religiosos e cívicos.

Logo pela manhã houve as celebrações da Eucaristia, logo seguidas de procissão com destino ao Largo do Monumento, onde, já da parte da tarde, se celebrou Eucaristia campal e pregação, a qual foi presidida por Sua Ex.ª Rev.ª o Bispo da Diocese de Faro, D. Ernesto Gonçalves Costa.

As cerimónias religiosas culminaram depois, de forma inesquecível, com a procissão final pelas principais ruas da vila, paragem no Largo de S. Francisco e prosseguimento, desta feita em ritmo vivo se bem que cadenciado e triunfal até ao Santuário, erguido na crista do monte fronteiro à Vila.

Aí teve lugar então uma derradeira e vibrante saudação à Santíssima Virgem, que encerrou o empolgante ciclo de cerimónias sacras.

Merece referência particular não só a incrível multidão que acompanhou todas as celebrações, co-

mo o ardor, o fervor e o entusiasmo que transbordaram num espectáculo ímpar e arrebatador no «cadeus» à imagem da Mãe Soberana.

Decerto, a incomum e gigantesca mole humana incorporou muita gente vinda de perto e de longe, da fora e de dentro do Algarve, que em romagem, jornada até Loulé e o elegeram como meta de ambicionada e cumprida romagem, tendo para isso utilizado diversos meios de transporte, desde o autocarro das excursões colectivas até ao automóvel e outros veículos.

Na procissão final tomaram parte as Bandas de Torres Vedras e dos Artistas de Minerva (Música Nova) e ainda a fanfara dos Bombeiros de Faro.

A nota dominante desta inolvidável procissão em que a imagem da Mãe Soberana se destacava num andor decorado com inextinguível carinhoso e primor, foi dada quando depois do intervalo havido no Largo de São Francisco o cortejo irrompeu em marcha triunfal, sempre acompanhado pelos acordes da Música Nova, infundindo incontinente vibração carregada de transbordante entusiasmo e emotividade, tanto a quem nele cerrou fileiras como a quem, na qualidade de curioso expectador ou de simples devoto, abria alas à sua passagem.

Num aceno de despedida, os lenços saíram dos bolsos e agitaram-se febrilmente enquanto aclamações — «Viva a Mãe Soberana» — se fizeram ouvir por sobre o estrépido processional, misto notas musicais, de passos rumbos e de monologadas orações e de clamores.

Num breve espaço de tempo foi coberto o itinerário que separa o Largo de São Francisco do Santuário.

Onde porém a procissão ganhou maior expressão espectacular foi na ladeira do serro de acesso à ermida.

Não só o caminho estava atestado de gente, como as mínimas saliências do terreno eram aproveitadas para se empoleirarem e acomodarem os mais ousados e jovens.

Não obsteu a inclinação íngreme do caminho ao ritmo do préstito que parece ter ganho ímpeto para escalar o céu, só se detendo quando atingido o termo do percurso, isto é no largo que serve de pórtico à antiga capela de N.ª Senhora da Piedade, situado bem na crista do monte.

Só, a partir desse instante, é que se desfez a espécie de magia que parece ter prendido até aí a multidão, que começou a dispersar.

Não deixaram de granjear merecido brilhantismo as efemérides complementares de feição laica e cívica integradas nas Festas da Mãe Soberana.

Há que realçar e não esquecer a colaboração artística e cultural das Bandas Filarmónicas de Torres Vedras e de Loulé que brindaram o público com concertos musicais, nas noites de 23 e 29 de Abril, que teve esta última como apoteose a queima de vistoso fogo de artifício.

O público por seu turno dei-

xou transparecer nas ovações tributadas o seu apreço retribuindo da melhor forma e sem hesitações e sem parcimonias.

No passado dia 30, a coroar a parte cívica, atacou de modo magistral a Banda da Força Aérea, que atraiu ao Cine-Teatro Louletano larga assistência a qual atestou a referida casa de espectáculos.

A Banda da Força Aérea, mais uma vez deu provas de aprimorada afinação e domínio musicais. Por outro lado a bem escolhida selecção de composições executadas (noutro lado referenciadas), a denotar o acusado gosto do seu maestro, deve ter facilitado o êxito que constituiu o seu concerto, a juntar a outras tantas quantas visitas desta credencia embixada musical a esta Vila de Loulé.

Foram, portanto, condizentemente emolduradas as Festas da Mãe Soberana, que mantêm a consagração de uma tradição e de um devotamento que vêm do passado e hão-de projectar-se no futuro.

J. C. VIEGAS

QUEM PRETENDE ANIQUILAR O TURISMO?

Segundo declarações do Presidente da CRTA, sr. Cabrita Neto, a Comissão Regional de Turismo do Algarve está a viver de reservas dos exercícios económicos anteriores, devido ao facto de não ter entrado naquela comissão, desde Janeiro, qualquer verba proveniente do imposto de Turismo, que está a ser arrecadado pelas câmaras.

Esta situação compromete seriamente a promoção turística, a valorização e divulgação do Algarve. Por outro lado, desmotiva os trabalhadores da respectiva indústria, desencaminha os empresários no sentido do investimento, permite «prostituir» a qualidade turística de nossa região, que passará a ser visitada pelos tesos de sacola que não deixam quaisquer divisas para o nosso País.

Repare-se como a maioria de esquerda joga contra a salvação económica da Torralta e aposta num turismo endereçado a experiências abstractas no sentido de aniquilar o desenvolvimento de um turismo de qualidade que nos possibilite o engrandecimento

económico do País. Os esquerdistas não estão interessados na recuperação económica, isso prejudicaria a divulgação das suas doutrinas e a balbúrdia onde gritam os seus sofismas. O que se passa no turismo é também um problema político. Vede como a TAP reage negativamente em épocas de afluxo turístico, apoiada pelo labirinto de palavras da maioria de esquerda. Olhai as intervenções dos deputados socialistas, nomeadamente um algarvio que faz muito turismo, e logo compreendereis como se afastam da realidade da nossa província.

Há muito que as verbas são diminutas e ridículas. Ainda muito tem feito a Comissão Regional de Turismo do Algarve que, sem mãos a medir, tem-se esforçado por desenvolver uma das nossas fontes de riqueza, mesmo sofrendo com a incompreensão dos ignorantes e a malvez dos desestabilizadores.

No entanto, os algarvios terão uma palavra a dizer nas próximas eleições.

Luís Pereira

NOVOS ESCÂNDALOS EM QUARTEIRA

(Continuação da pág. 1)

rão elementos imprescindíveis nas estruturas dos grandes aglomerados citadinos, mas desfiguradores de qualquer meio e qualidade de vida, que a serenidade e beleza das estâncias balneares e termas requerem para o seu «modus-vivendi».

Cometeram erros tremendos e irreparáveis e agora, muito curiosamente, tal como aconteceu (também) com a nossa Revolução, continuam não apenas a cometer-se os mesmos erros, mas a fazerem-se outros ainda mais condenáveis, os quais até já fazem levantar suspeitas sobre as suas verdadeiras intenções.

As pessoas falam, barafustam, a Assembleia Municipal de Loulé agita o problema, fez moções de desconfiança, moções de censura, pede inquéritos, denuncia escândalos, faz investigações e... tudo fica na mesma, parecendo esbarrar com um poder onipotente ainda mais ditatorial do que no tempo de um partido único... em que não havia nem crítica, nem diálogo, nem liberdade de imprensa para se dizer as verdades.

Parece que estamos voltando ao tempo, mas para pior ainda, em que a Rádio Argel proclamava: «Eles comem tudo. Comem tudo e não deixam nada!». Ou então diremos: «Eles estragam tudo e não fazem nada... com geito».

Fala-se em democracia e em democratas, mas quem está no poder faz ouvidos de mercador quando não convém ouvir críticas nem apelos.

Só assim se justifica que, depois de tantos erros (até já foram reconhecidos como tal) se permita agora a construção de um prédio no topo de uma rua... só porque fica com vista para o mar!

É verdade que a população já baptizou esse prédio como sendo o seu «Arco do Triunfo», por, segundo parece, ficar sobre uma rua mas o caso (triste caso) é que o triunfo será apenas para mais alguns que poderão passar a disfrutar de vista para o mar... sem se importarem com quem venha a ficar por detrás de um prédio de 6 andares.

Há quem alegue que construções daquele tipo se vêem nas grandes cidades... para facilitar o trânsito que passa por debaixo, mas não acrescentam que esses prédios não se construíram para ficar com frente para o mar e tapar a vista aos outros que venham depois.

... Porque se a finalidade fosse facilitar o trânsito, pois nesse caso, a construção poderia, muito bem, ser feita no sentido norte-sul.

Mas bem se vê, que o interesse está em que os futuros compradores dos apartamentos em construção terão de pagar mais e melhor... pela vista para o mar.

E o mal maior não está apenas em se autorizar este e outros abortos semelhantes, mas sim em que se está a estimular um precedente em relação às restantes ruas de Quarteira abertas em frente do mar, para as quais não deverá ser usado um critério diferente só porque o proprietário não é o mesmo.

Outro tanto se poderá dizer em relação a um novo restaurante que, segundo consta, se pretende construir sobre a muralha da praia, no espaço (ainda) livre entre o Mercado Público e o «Whita Rose», e que terá «apenas» 2 andares, o que poderá ser um exemplo e um estímulo para novas edificações... na praia.

Se a justificação for de que

as pessoas gostavam de estar juntinho ao mar, então porque se recusa um projecto audacioso (mas já pretendido) de se proceder à construção de um restaurante na extremidade de um dos molhes já construídos em Quarteira?

Será que as autorizações continuam a ser ou não concedidas conforme as pessoas que as pedem?

Em Quarteira certas construções são permitidas qualquer que seja a cêrcea.

É Loulé permite-se um prédio de 3 andares, mas o vizinho do lado só pode subir até ao 1.º andar... sem que qualquer deles esteja no entroncamento de ruas!

... E na Avenida José da Costa Mealha, que tem cêrcea para 10 andares, só se pode construir até ao 4.º andar, para... que não passemos da mediocridade e para demonstrarmos a saciedade que somos um país de pequenas, médias e pequeninas grandezas. Grandezas? Só na mediocridade.

Um Quarteirense

LUÍZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406
LOULÉ

(10-7)

Trespasa-se

SNACK-BAR - CERVEJARIA - RESTAURANTE

GRILLO

ANTIGA CASA «MÃE SOBERANA»

Rua 1 de Dezembro, 28 — Tel. 62737 — Loulé

Tratar com o solicitador João Iria

Largo D. Pedro I, 15 — Tel. 62187 — LOULÉ

(3-3)



Casa Simão

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

34, Avenida Marçal Pacheco, 35 a 51

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC

LOULÉ

Móveis completos em todos os estilos e móveis avulsos

Candeeiros — Decorações — Estofos — Colchoaria

REFORMA AGRÁRIA É TEMA CONTROVERSO (IV)

Respondendo ao Dr. Dias Costa

(Continuação)

Claro que ao Dr. Dias Costa convém desviar o problema do rundo e fazer romance com a raganha do Prof. Nikita a propósito da importação de vinho. Mas, o mais engraçado é que as nossas gargalhadas foram ainda mais estridentes.

Fartámo-nos de rir com o riso de V. Ex.^a, pois se não entramos em pormenor (estava apenas em causa o facto de Portugal até já importar vinho) foi justamente por pensarmos que V. Ex.^a seria suficientemente inteligente para compreender que a causa principal dessa situação foi o descalabro dos desgovernos que quase ofereceram o nosso vinho à Rússia por 2\$50 cada litro! Uma consequência indirecta do programa da Agrária e cuja concretização seria o princípio do fim da nossa independência como Nação Livre.

Então o sr. Dr. não sabe ainda que os negócios ruins são a melhor forma de arruinar um País?

É evidente que nós sabemos, e qualquer português sabe, que o Alentejo não é zona produtora de vinho. Mas o que todos os portugueses sabem agora é que há falta de vinho e, também uma das razões porque subiu tanto de preço, foi exactamente por o governo Gargalhista ter vendido milhões de litros de vinho de boa qualidade a União Soviética ao preço irrisório de 2\$50 por cada litro, o que interpretamos como uma autêntica exploração, porque a Rússia vendeu logo o vinho ao Canadá, com um alto lucro (como na altura logo se disse). Claro que isto tem relação com a Reforma Agrária porque faz parte do mesmo plano de «terra queimada» em que era urgente lançar o País.

... Ou querará V. Ex.^a dizer que é por culpa dos fascistas, quando mesmo agora se importou 8 milhões de litros de vinho ao preço médio de 12\$50? Entretanto o Povo paga 70\$00 e mais por uma garrafa de 7,5 decilitros.

E assim que se serve o Povo, sr. Dr.?

Condenamos, evidentemente, aqueles alentejanos que ingenuamente acreditaram que, com a comunização da sua terra, passariam a ser donos da casa do patrão, do automóvel do patrão, das propriedades do patrão e até da mulher do patrão... tal como os comunistas prometeram aos ingênuos angolanos e moçambicanos que acreditaram em tantas promessas e hoje só têm fartura... de fome.

REDUÇÃO DE TAXAS DE BILHETES DE IDENTIDADE

Do Centro de Identificação Civil e Criminal, recebemos a seguinte informação, que, face ao seu interesse, damos à estampa: «Desde há muito que os Serviços de Identificação do Ministério da Justiça, vêm registando um afluxo excepcional de público no mês de Julho, em boa parte determinado pelos pedidos de bilhete de identidade de estudantes que vão fazer a sua matrícula no ensino preparatório.

Por estes motivos, os pedidos de Bilhete de Identidade efectuados por estudantes de idade não superior a 13 anos, apresentados nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março e Abril, beneficiarão de um desconto de taxa no montante de 20%.

Mas, naturalmente, que V. Ex.^a irá repetir o que já foi dito na Assembleia da nossa República: se há fome em Angola a culpa é dos fascistas! E nós acrescentamos: estamos empenhados até à raiz dos cabelos? A culpa é dos fascistas! Não temos dinheiro para importarmos quase tudo o que precisamos? A culpa é dos fascistas. Vendemos 270 toneladas de ouro em 2 anos. A culpa é dos fascistas! Angola e Moçambique são colónias da União Soviética? A culpa é dos fascistas. O país está de tanga? A culpa é dos fascistas! Falta o peixe e a carne está cara? A culpa é dos fascistas! O país afundou-se em água? A culpa é dos fascistas! Há 5 anos que não se fazem nem barragens nem canais a montante de Abrantes, nem obras de vulto? A culpa é dos fascistas! O vinho subiu? A culpa é dos fascistas.

Fuzilem-se, pois, os fascistas

A resposta esperada

(Conclusão do n.º anterior)

Por outro lado os trabalhadores do mundo ocidental têm liberdade de deslocação, liberdades que não se encontram no mundo comunista.

Na Ucrânia, a grande superfície russa que outrora era o grande celeiro do país dos Czares e que Hitler pretendia conquistar para encher a Alemanha de trigo, deixou de haver cereais que os comunistas vão buscar aos países como os Estados Unidos e Austrália para fabricarem o pão de cada dia.

A que atribui estes fenómenos, «Dr. bexiga»?

O fenómeno tem uma causa; a colectivização da propriedade que no caso particular de Portugal explica:

«Porque é que a unidade colectiva ou a Cooperativa, isenta de impostos e, em alguns casos não pagando os empréstimos, lhe não podem pagar salário mais alto (e frequentemente lhe paga mais baixo) do que o ganho de fome que lhe paga o agrário».

Este espelho, esta confissão tantas vezes revelada de que o agrário está a pagar mais ao trabalhador agrícola do que lhe pagam as Unidades Colectivas e as Cooperativas, não obstante estas não pagarem impostos nem os empréstimos que lhes são concedidos, prova o erro ou o crime da colectivização.

Contudo o «Dr. bexiga», e todos os bexigas, classificam de ganho de fome o salário pago pelo agrário que paga impostos e os empréstimos que lhe são concedidos.

Apesar de uma situação tão esclarecedora como a que se apresenta não há diálogo possível para convencer a larva bexigosa de que o agrário é um elemento social digno e indispensável à nossa sociedade.

Para esta fauna o agrário é um parasita, um explorador dos trabalhadores; e os comunas, pagando-lhes menos pelo mesmo trabalho, e sem encargos e com auxílios de dinheiro, são os seus libertadores...

Não há diálogo útil com tal fauna.

«Não é preciso verificar em que medida poderá proceder o sentimento desse «povo» de que só deve ser considerado legítimo possuidor da terra quem nela produz trabalho».

Por isto se vê que é inútil o diálogo com tal gente.

O «Dr. bexiga» diz-nos que as Unidades Colectivas, isto é propriedades que estão na posse de quem trabalha a terra, mesmo sem encargos, paga menos aos trabalhadores da terra do que o salário de fome que lhes pagam os agrários, e contudo persiste

no Campo Pequeno e ficará tudo resolvido.

Imagine o leitor: um conhecido advogado algarvio de há muito que traz na algibeira a solução do problema das chelas no Ribatejo e só agora a revela.

Teria o sr. Dr. errado a sua profissão?

Bem vê: num país com tantos engenheiros especializados em barragens e com governos com tanto dinheiro que desbarataram, e não fizeram nada em 5 anos! Dos desgovernantes anteriores tal obra não seria de esperar.

Mas depois do 25 de Abril porque nada se fez?

Que tristeza de país.

Sr. Dr.: porque não apresenta a sua genial ideia aos ilustres conselheiros da Revolução? Parece que são pessoas pouco ocupadas e de grande influência no Exército. Talvez se entusiasmassem com a ideia e conclua-se.

(continua na pág. 5)

que estes devem ser despojados da terra em favor de quem a trabalha.

Trata-se de uma aberração desprezível que conduz os trabalhadores a uma situação muito pior do que aquela que os afligia então; mas é isto que a praga bexigosa pretende.

Há no fundo de tudo isto um ódio baixo, um ódio sem limites ao valor acumulado pelo trabalho.

Trata-se de um ódio dos frustrados, ódio destilado por aqueles que não se sentem com a capacidade de produzir.

Na verdade esse ódio nasce da inveja; nasce do desejo ladravaz de desviar bens do legítimo possuidor para uso exclusivo do ladrão.

Sim porque o ladrão sabe que o legítimo possuidor da cadeia onde se sente não é o marceneiro que a construiu, nem é legítimo dono da caneta que serve o jornalista quem construiu esse objecto.

E se o ladrão comprar um colchão para se deitar não vai consentir que o fabricante desse colchão diga que tal colchão é dele já que o fez.

Isto é assim, e todo o mundo sabe que é assim. Porquê então a excepção para com a terra?

Vou terminar com uma explicação sobre os termos que empreguei em relação ao «Dr. bexiga», pois entendo que cada um ou cada qual deve colher os frutos da árvore que planta na terra.

O «Dr. bexiga», em vez de responder ao desafio que fiz à molhada dos 17 juristas, desfiou uma lenga-lenga de impropérios e chocalhões como por exemplo: «Este sr. «Dr.» é um dos nossos, muitos filhos da luta...»

A isto não respondo porque, até pode ser, que ele seja descendente de família honesta.

Não fôra isto, teria a resposta adequada.

Todavia não deixarei passar em claro os muitos parentesis de que fez circundar o meu nome e do meu grau profissional, bem como da expressão: «o que interessa aos Anacleto».

É dever, de quem escreve para o público, o uso duma linguagem séria, ainda que contundente e não o desmando de frases chocantes que podem provocar atitudes legítimas de retaliação.

Ora, se todos os cidadãos devem abster-se de provocar semelhantes reacções, o «Dr. bexiga» deveria ter a preocupação de abster-se nesse campo já que é o mais vulnerável dos seres. Sim, porque o «Dr. bexiga» tem um nome que só por si provoca gargalhadas. Tem um nome que degrada uma família e destrói toda a boa convivência.

Nunes Anacleto

CELEBRAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Não passou a transacto 25 de Abril despercebido aqui em Loulé.

Penhor certo disso constituiu a Comissão Municipal das Comemorações, a qual levou por diante uma série de eventos de significado público de antemão programados que se não devem omitir.

Como nota explicativa das celebrações então ocorridas, a Comissão aludida consignou entre outras esta afirmação contida vestibularmente no programa por si elaborado:

«Dentro do espírito dimanado pela Comissão Organizadora das Comemorações do 25 de Abril de 1979, que a nível nacional promove a passagem do 5.º Aniversário do Dia da Liberdade, os órgãos Autárquicos do Município de Loulé constituíram uma comissão Municipal para as Comemorações. Foi esta Comissão constituída por um elemento de cada uma das organizações com assento na Assembleia Municipal, dois representantes do executivo da Câmara Municipal e por cinco elementos em representação do Conselho Municipal.

Foi tarefa desta Comissão, integrar e condenser as iniciativas das organizações e grupos sociais já sensibilizados para acções com vista às comemorações do 25 de Abril unindo num único corpo o esforço e participação de cada um deles».

Conforme havia sido compilado no programa, foram levados a efeito os acontecimentos seguintes:

— No dia 24 de Abril, torneio de futebol de salão entre as equipas dos trabalhadores da Cimpor, EDP, Imperial e Bancários; exposição de «posters» — o fascismo na Alemanha e o 25 de Abril; inauguração de uma exposição de pintura e escultura da autoria dos artistas Manuel Hilário de Oliveira, Rei de Sá e José Maria Henriques de Oliveira, que se

prolongou até 1 de Maio.

— No dia 25 de Abril alvorada com morteiros e emissão sonora de trechos sobre o início das operações do 25 de Abril de 1974; prova de atletismo infantil; torneio aberto de xadrez, arruadas pela Música Nova; partida de basquetebol entre as equipas do Louletano e Olhanense; izar das bandeiras Nacional e do Município nos Paços do Concelho com execução do Hino Nacional e marchas pela Música Nova seguida de sessão comemorativa do 5.º aniversário do 25 de Abril de 1974; grande festa das crianças que incluiu projecção de filmes, fantoches, palhaçadas, canções, concursos e mesa redonda com juvenis; concerto pela Música Nova; intervenção do grupo Vozes e Violas de Loulé; concerto da Banda de Paderne e a encerrar, sessão, nos Paços do Concelho, de debate sobre os problemas da criança, integrada nas comemorações do Ano Internacional da Criança.

C. V.

FALECIMENTO

Vítima de acidente de viação, ocorrido em Linda-a-Velha no passado dia 26 de Abril, faleceu a sr.^a D. Maria da Conceição Brito Feijão Costa, natural de Estoi e residente em Loulé.

A saudosa extinta era mãe de sr.^a D. Maria Isabel Costa Guerreiro casada com o nosso prezado assinante e amigo sr. David Miguel Guerreiro considerado comerciante da nossa praça e avô do sr. Manuel Joaquim Costa Guerreiro e da menina Isabel Maria Costa Guerreiro.

A família enlutada as nossas condolências.

EMPREGADO PARA MECANOGRAFIA PRECISA-SE

— SEXO MASCULINO

— CURSO COMERCIAL OU EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ADEQUADA

— CONHECIMENTO DE PROGRAMAÇÃO É CONDIÇÃO DE PREFERÊNCIA

— RESPOSTAS MANUSCRITAS A: FRANCISCO MARTINS FARRAJOTA & FILHOS, LDA. — APARTADO 13 — LOULÉ.

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Assembleia Municipal de Loulé

(Continuação da pág. 1)
va, bruta ou elaborada, não distinguindo!

Primeiro ponto dos trabalhos: Apreciação da Conta de Gerência e Relatório do Exercício de 1978.

A Dr.ª Odete do PSD congratulou-se com a apresentação, pela 1.ª vez, do Relatório e Conta de Gerência, mas adre logo um parecer, dizendo poder não concordar com a maneira como as verbas foram gastas. No momento, espectador acalorado, pode por em causa as actuações, humanas, de uma Câmara.

No relatório da Gerência podemos ler: «Tendo-se confirmado o que se previa quando da elaboração do Plano de Actividades para o ano de 1978, não foi no decorrer dessa gerência homologada e publicada a Lei das Finanças Locais e, assim sendo, debateu-se esta Câmara com graves dificuldades financeiras que obstaram a que fosse dada satisfação a maior parte das necessidades do Concelho por não dispor de meios para poder executar a maioria das obras que haviam sido planeadas».

Verificamos, portanto, que nem as mãos piedosas de freira ou de frade teriam plantado uma árvore ou construído uma casa em benefício dos pobres, pois o dinheiro tornou-se um deus poderoso e quase insensível. Quando não há, chapéu!

No decorrer da gerência de 1978 foi arrecadada a receita ordinária do quantitativo de 38 578 108\$10, um aumento de cerca de 13 500 000\$00 em relação à cobrada no ano anterior. Neste quantitativo inclui-se o subsídio concedido pelo Estado para as despesas com o pessoal, cuja importância foi de 9 405 000\$00. Os restantes, cerca de 4 000 000\$00, distribuíram-se por várias receitas com destaque para os adicionais às contribuições gerais do Estado, onde se verificou um acréscimo de cerca de 2 700 000\$00.

A Dr.ª Odete desdobrou um leque de interrogações, afirmando que ouvira dizer que os carros da Câmara fazem gastos desnecessários e que vão a Serra fazer propaganda política. Quanto a um caso concreto de que um carro da Câmara teria ido a Lisboa, o Presidente do Município explicou que tinha ido efectivamente a Lisboa com uma equipa técnica e alguns moradores de Quarteira tratar do problema da habitação social com o Ministro das Obras Públicas e do Fomento de Habitação. O homem da APU, o sr. Gonito, afirmou que nas suas deslocações levava o carro de combustível mais barato e que não ia fazer propaganda política mas sim contactar com os respectivos presidentes das Juntas e população. Apelou para a fiscalização das estradas que se estão a fazer, considerando-as caminhos pintados de preto e não estradas alcatroadas.

Tornou-se irremediável a nitidez da conversa de chacha, algumas intervenções assentes no caminhar bem amargo desta triste Mafalda (a Democracia!), o ar tornando-se abafado pelo respirar morno que se mexe e remexe, que se volta para um e outro lado, nos cadeirões on-

de se ralha e não se orienta um rumo

O sr. Manuel Faria perguntou o custo da escada «Magirus». O Presidente da Câmara explicou que não foi necessário contrair empréstimos dado o contacto directo com a Secretaria de Estado e a Direcção Geral do Turismo que contribuíram com as verbas necessárias para adquirir a escada que importou em 9'000 200\$00.

Costa a votação a Conta de Gerência e Relatório do Exercício, foi aprovada por maioria com 5 abstenções (2 da APU e 3 do PSD).

A Dr.ª Odete justificou a abstenção do PSD, considerando que os dinheiros públicos não foram bem canalizados.

Relativamente às taxas das sentinas e lavadouros que se cifravam em \$30, a Câmara apresentou uma proposta para passá-las para 2\$00, justificando-se pelo desperdício de água que se faz. Quanto aos lavadouros a proposta foi rejeitada com 7 votos contra e 6 abstenções, tendo sido o PSD a pedir a abolição da taxa. No tocante as sentinas voltaram 9 a favor da taxa de 2\$00 e 4 abstiveram-se.

O segundo ponto da ordem de trabalhos consistia na elaboração do Calendário das Sessões Extraordinárias da Assembleia, nas Freguesias do Concelho. A primeira reunião ficou marcada para o dia 6 de Maio, pelas 15 horas, na Esplanada de Quarteira. O sr. José Ferreira Torres apresentou um documento propondo que se deslocassem a essas reuniões técnicos da extensão rural e outras pessoas qualificadas, no sentido de esclarecerem as populações acerca da problemática agrícola. Depois de lamentar que Loulé, um dos maiores concelhos agrícolas, continue completamente esquecido, o seu documento não encontrou eco entre os presentes e seria reprovado com 6 abstenções. Não há dúvida que o agricultor continua a ver-se com a corda na garganta, desprotegido, carregado com o saco da inflação, sacudido e diluído no obscurantismo.

E quando chegou o terceiro ponto foi um espanto. Cavou lagos, escureceu recantos e pelos vendavais expôs-se ao público. Apreciação e parecer sobre a cobrança do Imposto de Turismo nos termos da Lei das Finanças Locais, reestruturação da C.R.T.A. e protocolo a estabelecer com a Secretaria de Estado do Turismo. O Presidente da Câmara começou por criticar certo sector da imprensa que tem deturpado, na sua opinião, a realidade dos factos. Queixou-se dos boatos e afirmou não existir nenhum presidente de Câmara que pretenda a eliminação da C.R.T.A. A Lei das Finanças Locais diz que são de arrecadar pelas Câmaras as verbas destinadas ao Turismo. Foi deliberado junto da Secretaria de Estado do Turismo iniciar-se um protocolo sob pena das actividades de promoção e animação turísticas serem canceladas. O protocolo está em vésperas de ser assinado e determina que as Câmaras contribuirão até 50%; isto é, se as necessidades da C.R.T.A. forem menores ela não receberá os

50%, eis porque se emprega a preparação etc.

mas se as verbas de promoção já eram raras e amáveis...

Segundo o Presidente da Câmara se houver uma fiscalização eficiente no sector do Turismo as receitas deverão quadruplicar o que só beneficiaremos com isso.

No entanto, o sr. Manuel Faria, do PSD, pôs em dúvida a capacidade das Câmaras no que respeita à gestão do Turismo.

Uma intervenção alcatifada de vermelho foi a do sr. Gonito que considerou a Lei das Finanças Locais como um documento revolucionário que, apesar de tudo, dá metade do bolo das verbas do Turismo para as infraestruturas locais. Ele é da opinião que as riquezas do Turismo sejam empregadas na beneficência do interior rural.

O Presidente da Câmara voltaria a repetir que as Câmaras não querem gerir o Turismo, querem é saber onde os dinheiros são aplicados, logo o quadro da Comissão Regional de Turismo deverá ser mantido sob a responsabilidade das Câmaras.

No meio de contrastes, de hipérboles e de paralelismos, ficámos com a sensação de uma luta político-pessoal descendo em planos sucessivos até aos arbórescentes gestos expressivos dos socialistas, que dominando todas as Câmaras algarvias, excepto a de Monchique, não iriam desmanchar a valsa das cadeiras.

Na votação do protocolo a estabelecer com a Secretaria de Estado do Turismo votaram 9 a favor e 3 abstenções.

Neste período das vacas magras, quando a maçaroca a distribuir não chega para todos, acentua-se a luta político-pessoal e depois, a Mafalda (a Democracia!) vai ficando com a pele irritada, uma brotoeja insuportável e os olhos cegos.

Luis Pereira

RESPONDENDO AO DR. DIAS COSTA

(Continuação da pág. 4)

seguissem incutir ânimo aos oficiais e soldados e marinheiros a lançar mãos a essa obra grandiosa de desviar o curso do Tejo.

Experimente, Dr. experiente, experimente e V. Ex.ª pode deixar o seu nome ligado a uma grandiosa obra.

Sabe, caro Dr., gostámos muito daquela sua patriótica frase: «a terra de Portugal é dos portugueses». Só que achamos contraditório escrever isso e depois defender uma «Agrária» que traria para a terra portuguesa os cubanos, os búlgaros, os checos, alemães (de Leste), os «técnicos» soviéticos, etc., etc., tal como está acontecendo com a «Agrária» angolana e moçambicana.

Então sr. Dr. não vê o que se passa em Angola e Moçambique, onde os soviéticos se instalaram para explorar a mão de obra barata dos nativos e aproveitam

rem as fabulosas riquezas das nossas antigas províncias ultramarinas?

Além dos riquíssimos minérios de Angola (eles agora cobicam as riquíssimas zonas pesqueiras das 2 costas e já mandaram os homens da RDA inventariar os sectores de ouro, cobre, asbestos e pegmatites existentes em Moçambique).

... E em 1975 falaram logo em explorar os minérios de Monchique...

Rimos às gargalhadas com aquele aparte de que para se fazer justiça social é necessário entregar aos comunistas os 700 mil hectares excessivamente acumulados e ainda a expropriar.

E que isso faz-nos lembrar o que há tempo nos aconteceu com um agente angariador de trabalhos e que recusou entregar-nos o dinheiro duma factura já recebida porque... não lhe tínhamos pago ainda a percentagem correspondente a que tinha direito... E nem ele nos pagou a factura, nem nós lhe entregamos a percentagem. E a tática dos vigaristas quando não querem pagar as suas dívidas...

Com interlocutores assim, o diálogo é impossível.

(Continua no próximo n.º)

Cadeiras e Mesas

Vendem-se mesas e cadeiras (de restaurante e café) de ferro e fórmica, estofadas, em estado novo.

Tratar pelo telefone 65390 — QUARTEIRA.

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO
COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS
BILHETES DAS EMPRESAS:
MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★
Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo)
QUARTEIRA — ALGARVE

GARDENS AND SERVICES NLIMITED


PESSOAL - PRECISA-SE

PARA JARDINS:

- Ajudante canalizador
- Electricista ou Ajudante e outros

Contactar nos escritórios desta firma,
ao lado do Restaurante Pitucha em Almansil

GRÁTIS



VIDA RURAL
REVISTA
DIRIGIDA PELO
ENG. SOUSA VELOSO

A TÉCNICA E A PRÁTICA NO CAMPO

Envie-nos a sua morada num postal e receba na volta do correio sem qualquer compromisso da sua parte, um exemplar grátis.

RUA RODRIGUES FARIA, 103 - C. P. 1300 LISBOA

TAP - Uma grande empresa em permanente renovação

(Continuação da pág. 1)
quais operam na Europa, África e Américas.

★

Uma empresa que só em Lisboa tem cerca de 6000 empregados (em Faro são 300) tem, evidentemente, complexos problemas humanos que não pode descurar. Entre eles figura o factor alimentação que está praticamente resolvido com o funcionamento de uma cantina com capacidade para servir 5000 refeições por dia (em 3 escalões) ao preço irrisório e mínimo de 11\$00 para quem tenha ordenado inferior a 9000\$00 e um preço máximo de 49\$00 para os ordenados mais altos.

★

Quando um automóvel tem uma pane na estrada, podemos encostá-lo e chamar o mecânico. No ar é diferente. O avião não pode parar no ar para se proceder a reparações. Por isso os modernos aviões têm 4 motores que trabalham independentemente e dispõem de um sistema eléctrico que possibilita pousar mesmo com os 4 motores parados.

No entanto, os aviões são revistos após cada viagem de longo curso e lidas as fitas magnéticas das célebres «caixas negras» que registam, automaticamente, todas as ocorrências da viagem, quer se trate de velocidade do vento, ou duma avaria, habilitando assim os técnicos a melhor saberem as causas de acidentes registados. Parece agora estar provado que essas «caixas» contribuíram muito para se chegar à conclusão que o avião da TAP se despenhou na Madeira porque uma forte «rabanada» de vento incidiu no avião no momento exacto em que este pousou no terreno molhado e portanto com pouca aderência, forçando-o a elevar-se de novo.

Porém, quando voltou a aterrar já estava no fim da pista... porque esta era curta.

... E foi o fim.

★

Recentemente um nosso conterrâneo e dedicado assinante no estrangeiro manifestou-nos o seu descontentamento por ter chegado dos Estados Unidos num avião da TAP e ao chegar a Lisboa foi informado de que pouco antes partira um avião para Faro e que só à noite teria outro. Ele protestou porque não se conformava passar um dia inteiro no Aeroporto com as malas, não podia ir passear carregado nem iria passar o dia num hotel. Optou por um táxi, o que não foi nada barato.

Na altura pareceu-nos que aquele nosso conterrâneo estaria cheio de razão mas pelo contacto que tivemos com o Delegado da TAP em Faro, sr. Renato Sousa, ficámos sabendo que o referido avião tem

que deslocar-se a Faro à hora estabelecida para... poder estar de regresso a Lisboa à horas de seguir para outras cidades da Europa às horas mais convenientes e de maior incidência de tráfego. Não adianta as pessoas dizerem que «seria melhor» as carreiras Faro-Lisboa-Porto serem servidas por um avião só para esse fim, por já se ter concluído ser economicamente impraticável ter aviões parados à espera da hora da partida e outros parados... porque já cumpriram o seu horário diário.

O estudo deste problema foi feito até ao ínfimo pormenor, não sendo viável esperar, por exemplo 20 passageiros da América e perder 160 que pretendam seguir para Paris...

Também nos foi revelado que, muitas vezes, os passageiros ficam admirados com o atraso dum avião, mas que ignoram que um avião só pode levantar voo se estiver 100% operacional e que no ecran não pode aparecer uma luz vermelha se, em dado momento, ela tiver que ser verde. E, geralmente, nem sequer é possível informar se falta 2 minutos para partir ou se 2 horas...

★

UM PROBLEMA CONTROVERSO

Propositadamente deixámos para o fim o que se nos oferece dizer acerca da nova sigla TAP, a qual tem provocado algum espanto e controvérsia.

Como o leitor deve saber (e isso já foi dito neste jornal, a «TAP» passou a chamar-se (também) «Air Portugal» e isso nos levou a sondar das razões duma mudança que, aparentemente, pode parecer que terá aspectos negativos, dado que se introduz uma palavra estrangeira (embora quase tão mundialmente conhecida como o é a palavra «stop») numa companhia nacional.

A verdade, porém, é que o objectivo da mudança foi exactamente pretender ligar o nome de Portugal a uma empresa portuguesa, para uma mais rápida e clara identificação, porque lhe interessa, essencialmente, um aumento de penetração nos mercados tradicionais e para os quais (falam 35 anos de experiência) as palavras «Transportes Aéreos Portugueses» não dizem praticamente nada, até porque a sua leitura é totalmente deturpada pelos estrangeiros que não sabem ler nem traduzir as palavras «transportes» e nem sequer «aéreos» e, às vezes, até nem mesmo «portugueses».

Para os holandeses, por exemplo, a palavra TAP tem exactamente o mesmo significado que, para os portugueses, a palavra Bar, o que tem proporcionado, naquele país, uma imagem perturbadora da nossa TAP. Poderia ser curioso saber-se que a TAP teria tantas sucursais na Holanda, mas altamente des-

prestigiante o saber-se que os nossos aviões eram, para os holandeses, bares voadores...

O prestígio que a TAP adquiriu ao longo de 25 anos mantém-se porque esta sigla não foi banida, mas, a partir de Junho, há uma harmonia de imagem com clara identificação de Portugal em relação à sua companhia de aviação. E também a nossa bandeira, donde, felizmente, o verde (da esperança) não foi banido.

É isso deve ser justo motivo de orgulho nacional porque há um país que se identifica ligado a uma palavra que todo o Mundo culto conhece. E há também um incentivo de qualidade para todos os trabalhadores da TAP.

E nem sequer se poderá alegar que se trata de uma mudança dispendiosa, pois as despesas iniciais serão cobertas pelos 50 mil dólares que a companhia «Boeing» destinaria a publicidade como consequência da compra do novo «Boeing 727» que chegará a Portugal em Junho próximo.

Além disso a mudança de cores far-se-á ao longo de 3 anos e portanto à medida que os aviões careçam de ser pintados.

Fomos esclarecidos das muitas confusões geradas no estrangeiro com a palavra TAP e por isso concordamos em que «Air Portugal» e a pintura da bandeira nacional poderá dar uma nova e boa imagem duma companhia que opera, essencialmente, no estrangeiro, já somos (agora) tão pequeninos que bastam 2 carreiras internas para ligar o norte ao sul.

Com a transferência das nossas províncias ultramarinas para as mãos dos neo-colonialistas, a TAP perdeu as melhores e mais lucrativas carreiras, pois o racismo lá implantado fez fugir ou expulsou os brancos que tinham possibilidades de utilizar o avião como meio de transporte.

Dantes éramos ricos e grandes. Agora, pequeninos e pobres.

... Mas a TAP continuará espalhando o nome de Portugal por toda a parte.

BOUTIQUE LUAUTO, LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 3 de Abril corrente, lavrada de folhas 34, v., a folhas 35 do Livro n.º B-58 de Notas para Escrituras Diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Avenida José da Costa Mealha, n.º 37 e 39 desta vila e freguesia de São Clemente, com a denominação de «Boutique Luauto, Lda.» partilhados os bens sociais, encontrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O terceiro ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

Rodríguez & Arostegui, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 9 de Abril corrente, lavrada de folhas 51 a folhas 53, do Livro n.º B-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima indicado, foi constituída entre Luis Filipe Rodriguez Casals Braga e Eloisa Victória Rodriguez Arostegui, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma de «Rodríguez & Arostegui, Lda.» e tem a sua sede, no Centro Comercial da Marina, Loja 11 e 12, Vilamoura, na freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º — O seu objecto consiste no comércio de pronto a vestir, para homem, senhora e criança, podendo explorar qualquer outra actividade, que os sócios acordem e não seja proibido por lei.

3.º — O capital social integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social, é de cinquenta mil escudos, dividido em duas quotas, do va-

lor nominal de vinte e cinco mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

4.º — É livre a cessão de quotas total ou parcial entre os sócios, mas a estranhos depende do consentimento da sociedade.

5.º — 1. — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence aos dois sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

2. — Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura dos dois gerentes, em conjunto, bastando qualquer uma delas para os actos de mero expediente.

3. — É expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto social, designadamente prestando fianças, abonações, avales, sacar e aceitar letras de favor.

6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

Padarias Vargues & Filhos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia dezasseis de Abril, corrente, de folhas 33, v. a folhas 35, v., do Livro n.º A-58 de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima indicado, foi constituída entre Francisco Barriga Vargues, Fernando Manuel Guerreiro Vargues, Romeu Guerreiro Vargues e José Guerreiro Vargues, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «Padarias Vargues & Filhos, Lda.» e tem a sua sede na Aldeia de Benafim Grande, freguesia de Alte, concelho de Loulé.

2.º — A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu início nesta data.

3.º — O objecto da sociedade consiste no fabrico e venda de pão e de outros produtos afins.

4.º — O capital social é de quatrocentos mil escudos integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social e dividido em quatro quotas do valor nominal de cem mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

5.º — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os sócios, gozando a sociedade e os sócios, por esta ordem do direito de preferência no caso de cessão a estranhos.

6.º — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, é confiada aos sócios Fernando Manuel Guerreiro Vargues, José Guerreiro Vargues e Romeu Guerreiro Vargues, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução.

7.º — Os lucros e as perdas serão divididas na proporção das quotas.

8.º — A sociedade dissolve-se nos casos determinados na lei e em cumprimento de resolução tomada em Assembleia Geral.

9.º — Os anos sociais serão civis, e os balanços serão encerrados em trinta e um de Dezembro, devendo estar aprovados e assinados até fins de Fevereiro imediato.

10.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

COMPRA-SE

TERRENO OU PRÉDIO PARA DEMOLIR DE

PREFERÊNCIA C/ PROJECTO APROVADO.

CONTACTAR PELO TELEF. 62449 — LOULÉ.

FESTIVAL DE MÚSICA

dado pela banda da Força Aérea em Loulé

(Continuação da pág. 1)
este sarau comportou duas partes. A primeira composta de números de música de índole clássica e a segunda mais de carácter popular a qual, encontrou por parte dos auditores e apreciadores da boa música maior acolhimento.

Da mesma maneira aparentemente fácil, segura e desenvolvida, a Banda da Força Aérea soube extrair, até às mínimas virtualidades melódicas das partituras, uma ressonância e uma ênfase invulgaes que lhes concederam ainda maior aparato e excelência.

Esteve pois entre nós uma embaixada musical de singulares méritos amplamente demonstrados na espêndida e brilhante acção com que brindou a assistência louletana.

Por sua vez, esta não poupou aplausos que subiram de tom e de estridência no final das interpretações programadas, a pontos do maestro Alferes Costa Marques, em sinal de cortesia, ter dirigido composições extras que igualmente foram sublinhadas com copiosas ovações.

Teve pois o concerto um apoteótico final, a que o reduzido número de espectadores presentes no início (mas avultado no epílogo) deixou supôr.

Foi portanto um epílogo inteiramente consonante com a excelente e invulgar noite de música propiciada pela Banda da Força Aérea ao público de Loulé, que entendeu e muito justificadamente, aclamar de pé.

Aqui também ficam expressos os nossos reiterados aplausos pelo comportamento artístico e cultural que a Banda da Força Aérea nos ofereceu e que ra-

ras vezes temos o ensejo de contemplar em directo.

O programa constou dos seguintes números:

I Parte — Marcha Húngara, de H. Berlioz; Lusitânia (abertura), de Fortunato de Sousa; Valsa Militar Belga, de Louis Fremaux; Suite Oriental, Francis Popy.

II Parte — Melodias de Franz Lehar, arranjo de H. J. Rhinow; Severa, arranjo de Rogério Gomes; Musicais, de Bernstein; Volta ao Mundo, de Paul Yoder e Harold Walters.

NOTAS BIOGRÁFICAS
DO MAESTRO ALFERES
COSTA MARQUES

Natural de Loulé, desde muito novo mostrou propensão para a música e aos oito anos de idade tocava flautim na banda local.

Depois de ter passado pela Escola Prática de Infantaria (Mafra) em 1948, onde assentou praça, e pelo Batalhão de Caçadores 5, em Lisboa, onde continuou a cultivar os seus estudos com o Maestro Armando Escoto, é colocado em 1957, na Força Aérea, quando da criação da Banda de Música.

Prossegue os seus estudos com o Maestro Lourenço Alves Ribeiro e ao ser promovido em 1968 a sargento-ajudante, passa a desempenhar as funções de Subchefe da Banda de Música da FAP.

Nos anos lectivos compreendidos entre 1972 e 1975 exerce a sua colaboração na qualidade de professor de Educação Musical Básica, na Escola Preparatória de Carolina Micaélis, em Loures.

No ano lectivo de 1977/78, frequenta o Curso de Formação de Oficiais Chefes de Banda de Música sendo, posteriormente, promovido a alferes, assumindo então as funções de Chefe de Banda de Música da F.A.P.

Afora as suas funções oficiais, o Maestro Mário Marques, tem-se devotado a intensa actividade musical nos círculos amadores do País, regendo várias Bandas Cívicas.

J. A. Viegas

Dr. Manuel Sousa
Alves Matias

(Continuação da pág. 1)
cumbências de Sub-Delegado de Saúde.

Como antes se aludiu é natural de Loulé, facto este que nos compraz assinalar, onde nasceu a 14 de Agosto de 1935, tendo-se formado em 1970, pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Fez carreira hospitalar no Hospital de S. José, em Lisboa de 1970 a 1979. É, portanto, médico com a especialidade de medicina interna adquirida nos Hospitais Cívicos da capital.

Está, a partir da data acima referida radicado em Loulé, e, independentemente das suas funções oficiais, exerce também assistência clínica particular.

Cumpramos pois apresentar ao novo e competente médico, nosso prezado conterrâneo, sinceras felicitações e votos de profícuo desempenho dos cargos que exerce.

FALECEU
O DR. GUERREIRO MURTA

(Continuação da pág. 1)

António de Sousa Chumbinho. Era também sobrinha do falecido, a sr.^a D. Camila Jesus Renda.

O Dr. Guerreiro Murta, era diplomado em Letras pela Universidade de Lisboa, e formado em Direito.

Foi reitor do Liceu de Faro e ocupou depois idênticas funções no Liceu Passos Manuel, em Lisboa.

Desempenhou o cargo de administrador do Banco Nacional Ul-

tramarino e, socialmente exerceu o mister de presidente da Casa do Algarve. Durante 30 anos ocupou o lugar, graciosamente, sem remuneração, de presidente do Montepio Geral.

Independentemente das suas incumbências oficiais e sociais, o Dr. Guerreiro Murta, escreveu uma série de livros didácticos, que ainda hoje são folheados mercê dos ensinamentos que contém.

A família enlutada, do Dr. Guerreiro Murta, apresentamos as nossas sentidas condolências.

TURISMO E DEMOCRACIA

(Continuação da pág. 1)

Esta local foi difundida na sua edição de 26 de Abril pelo «Tempo» mas nós não acreditamos que seja verdadeira. E não acreditamos por não ser nem lógico, nem razoável, nem coerente que se tenha criticado Salazar por escolher para altos cargos pessoas de sua confiança e que fossem filiadas na União Nacional para agora se fazer exactamente o mesmo — só porque a União Nacional tem outros nomes.

Quanto ao dizer-se para aí que as Câmaras queriam acabar com a Comissão de Turismo também é inteiramente falso. Só o que as Câmaras do Algarve pretendiam era arrecadar (e ficar) com a totalidade das receitas de turismo... para fazer estradas e beneficência. Se depois a C. R. T. A. fosse morrendo à míngua de recursos financeiros e os seus funcionários a abandonassem por

não receberem os seus ordenados, a culpa não seria das Câmaras e lá estaria Cabrita Neto a sustentá-la porque, (como já disse publicamente) não se demitia e ainda por ser o único dirigente da C. R. T. A. que não recebe ordenado.

Isto faz-nos lembrar aquela velha história (autêntica) do cavalo do espanhol e muito conhecida dos louletanos da década de 30. Pois o nosso amigo espanhol vendia água ao domicílio com um cavalo e cântaros e um dia lembrou-se que talvez a «leitura» de um jornal pudesse substituir a comida. Passados dias, quando o animal «já se tinha desabitado de comer», segundo ele afirmou é que o animal morreu...

Claro que o nosso amigo espanhol ficou muito admirado com a morte do cavalo e afirmou convictamente não ter culpa nenhuma pelo sucedido...

S. A.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

E há mais inda quem diga com firmeza
Que nas formosas noites de luar
De S. João na véspera à meia noite
Ouve-se a linda moura a suspirar.

Junto a Loulé	E o vale ostenta	Relvas viçosas
Ainda hoje dura	Por mui formoso	Frescas boninas
Da moura Cassima	Risonho aspecto	Nadam em águas
A fonte pura.	E deleitoso.	Bem cristalinas.
Árvores frondosas	Quem a Loulé	E se for à fonte
O estão orlando	For algum dia	Água beber
mimosos frutos	Verá do vale	Também se ilude
Alimentando.	Essa magia.	Ouvir gemer.
Canto amoroso	E se tiver	Por isso a crença
Das ternas aves	Bem de memória	Que ainda hoje dura
Onde erguem cantos	Da linda Cassima	Dá o nome «Cassima»
Meigos, suaves.	Sabida a história.	À fonte pura.

É já tempo de deixar a vila, e seguir no mesmo estudo pelas freguesias do concelho.

A MOURA DE SALIR

VII

Salir é povoação muito antiga. Razões de grande peso me convencem de que o seu nome, no tempo dos serracenos, e talvez antes, fôra **Castalar**.

No Roteiro de um **cruzado**, que assistiu à conquista de Silves, em tempo de D. Sancho I, há o seguinte período:

«De Silves até o Rio Guadiana são três dias de marcha, no decurso dos quais estão situadas as povoações de Faro, Loulé, **Castalar**, Tavira, Mértola e Serpa».

Pela ordem observada naquele período vê-se que a povoação de **Castalar** estava colocada entre Loulé e Tavira; ora não se encontra hoje, e nem consta pela tradição ou por quaisquer monumentos ou ruínas, que entre estas duas povoações existisse ou exista outra acastelada, a não ser Salir.

Como explicação ao **Roteiro** há uma nota em latim, que atribuo a Constancio Gazzera, secretário da real academia de Turim, a cujos desvelos e cuidados se deve a publicação de tão útil versão, que diz:

«**Castalar — locus quondam situs in poealta rupe ad flumen Alcaria, cujus rudera adhuc appellantur Castellis.**»

Esta descrição acomoda-se perfeitamente ao outeiro, onde, naquele tempo estava fundada Salir, a uns cem metros do lugar em que hoje se ergue a mesma povoação. O rio **Alcaria**, hoje uma ribeira com a mesma designação, os **castelos** e a **alta rocha**, ainda ali existem para atestar a minha afirmação. A fotografia do local fornece a sua melhor prova.

Batista Lopes, benemérito algarvio, chegou a convencer-se de que a velha **Castalar** estivera situada num sítio, chamado **Castelo**, na freguesia da Conceição de Tavira; mudou porém de opinião logo que verificou que em tal sítio não existiam vestígios de povoação antiga, nem torre ou castelo. Se o receio dos guerrilhas, que então infestavam os campos de Salir, não tivesse obstado a que o nosso patricio ilustre visitasse esta povoação, teria certamente verificado com os seus próprios olhos que fora ali o lugar ocupado pela antiga **Castalar**, memorada pelo **cruzado**.

Houve quem pensasse que o **cruzado** se queria referir a Cacula, mas esta opinião não só vai de encontro à ordem indicada no **Roteiro**, que colocou **Castalar** entre Loulé e Tavira, mas opõe-se à própria história antiga, que sempre deu a Cacula o nome — **Hisp. Kastala**.

Sabe-se perfeitamente que nos últimos tempos do domínio serraceno gozava Salir ou **Castalar** de subida importância. Quando, em tempo de D. Sancho II, D. Paio Peres Correia tomou Tavira e notou que Aben-Fabilla, governador da cidade, desaparecera com os seus melhores soldados, pensou logo que se tivessem acolhido ao castelo de Salir, considerado pela sua situação inexpugnável. Foi-lhes no encalço, atacou fortemente o castelo, que, afinal, foi tomado.

O modo por que foi tomado o castelo deu origem a uma das mais bonitas lendas de mouras encantadas.

Consta pela tradição que num dia de manhã, depois de outros em que sitiastes e sitiados tinham obrado verdadeiras proezas, notaram aqueles que nenhum mouro aparecia sobre os muros. Re-

V VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

Entre o sol e o público, o ciclismo foi um espectáculo!

Reportagem de
— JOSÉ MANUEL MENDES —

Terminou em verdadeira apoteose, a quinta edição da Volta ao Algarve em Bicicleta. Quem, na tarde do feriado de 1 de Maio, se deslocou até ao cerro da Picota, para assistir ao final da derradeira etapa corrida em contra-relógio individual, com partida de Loulé, não poderá ter ficado com dúvidas, sobre a verdadeira magia que o ciclismo exerce por onde passa.

Aliás, uma das constantes da prova que ora terminou, foi precisamente essa: a atracção exercida sobre o público, que ao longo dos quatro dias, ocorreu autenticamente em massa, à beira das estradas, às partidas e chegadas para ver e aplaudir os corredores.

Espectáculo de rara beleza e movimentação, o ciclismo afirmou-se como um cartaz imprescindível neste Algarve turístico, como um teatro ambulante, onde abundam os sentidos humanos e multicores, dos homens, das bicicletas, com toda a caravana dos «loucos do pedal» atrás e à frente, enchendo a paisagem do tráfego normal das estradas.

Grande lição esta, do ciclismo, para a Comissão Regional de Turismo, que foi o principal patrocinador da prova, e para as Câmaras Municipais, que também contribuíram com pequenos subsídios para a mesma. A verdade, é que é muito difícil encontrar no calendário da animação do Algarve, um acontecimento com esta dimensão, e com inúmeras potencialidades ainda por aproveitar.

Quanto à competição desportiva em si, estiveram presentes na V Volta ao Algarve os melhores atletas e as melhores equipas de Portugal.

Apenas o Coimbrões faltou à chamada, por falta de acordo sobre condições financeiras.

Sercenta e três ciclistas estiveram presentes à partida, no Prólogo ali na Pista Bexiga Peres, e o primeiro camisola amarela, o portista António Fernandes, como homem de pista que é, provou na estrada não ter o cabedal necessário e suficiente para aguentar o jersey do primeiro classificado.

Esperava-se que nas etapas seguintes, a anteceder a Fôia, a luta fosse mais acérrima do que realmente foi. Na verdade, à parte um ou outro fogacho, entregue a Carlos Raimundo, do Campinense/Carasona, a José Sá, do Zala Fundador, na etapa Loulé-Faro, e Pedro Rodrigues do Boavista, na etapa para Portimão, tudo acabou em sprints de pelotão compacto, com Alexandre Ruas, da Coelima, a fazer valer os seus dotes de melhor sprinter nacional, e que o levaram à vitória em Faro e Portimão, arrecadando pontos preciosos que quase lhe garantiram desde logo, a vitória na classificação por pontos, como se veio a verificar.

Tudo e todos, aguardavam a sentença do tribunal da Fôia. Toda a caravana, e todo o público expectante, pelo Algarve e Portugal adiante, contavam como certa a decisão da Volta ao Algarve, naquela que seria, e foi, a etapa mais longa, e mais difícil: precisamente 161 quilómetros!

Talvez por isso, porque a distância era de respeito, e de mais respeito ainda, eram os últimos nove quilómetros, de Monchique até à Fôia, os ciclistas percorreram cento e cinquenta quilómetros em ritmo de passeio, com jeito de ciclo-turismo, bebendo aqui e ali, comendo quando chegou a altura do abastecimento, e, nem os «pendurados» tiveram grandes dificuldades, em respirar o ar puro da Serra de Monchique, lado a lado com os campeões.

Naquele jeito, dava para tudo. Até daria para o Romeu Batista, veterano do Aljezur, apanhar a boféia do pelotão, e fazer o seu treino para desentorpecer as varizes, lembrando os anos, não muito longínquos, em que andou metido nestas andanças.

O piquenique ciclo-móvel, acabou quando, pouco antes de Monchique, tocou a trompeta de começar a subir. Aqui, o pelotão, que ia bem gordinho e anafadinho, começou a esticar-se, a esticar-se, e, aqui e ali, os mais fracos começaram a ficar. Entretanto, na frente, começava a montanha a parir um rato: Joaquim Cunha, da Coelima. Pois é. O moço aproveitou-se da apatia que ia reinando, e sem pedir licença, nem nada, abalou por ali acima, talvez, pensando só em ameaçar algumas centenas de escudinhos, para compensar o desgaste da subida para a Fôia.

Assim aconteceu, realmente, mas à medida que passavam os quilómetros da grande rampa, perpassou pela caravana a sensação de que algo mais estava a passar-se. O grosso da coluna, deixou de o ser. O pelotão era um ferrapo. A fila de ciclistas, isolados, pendurados, era interminável. Na perseguição ao fugiti-

vo, um pequeno grupo. Quem punha mais, era o Firmino Bernardino, do Lousa/Trinarianjus. Mas também o «velho» Venceslau Fernandes, do Porto/U. B. P., mais o seu colega de equipa o Adelino Teixeira. Fernando Mendes, do Zala Fundador, aguentava-se como podia, magoado na clavícula como estava. José Madeira, do Campinense/Carasona, a fazer uma prova magnífica E, pasmem! Entre mais alguns, um jovem de 18 anos, com as cores do Campinense bem coladas no suor do corpo, aguentava-se e batia-se como um leão, no meio daquelas «feras» todas! Era ele, Luís Varques, a grande revelação da V Volta ao Algarve. Revelação, para quem o não conhecia, nem lhe ouvira pronunciar o nome. Que, para nós, cá em baixo, mais do que uma revelação, ele é já uma certeza do ciclismo algarvio!

(Conclui no próximo número)

Os Rotários reuniram-se em Albufeira

No passado fim de semana, o Hotel Montechoro, em Albufeira, foi ponto de encontro para mais uma reunião rotária, que foi sem dúvida, a maior jamais realizada em Portugal.

Cerca de 700 participantes estiveram presentes na Conferência Rotária do Distrito n.º 196 (abranje todo o Portugal, Açores e Madeira) os quais deram uma inequívoca demonstração dum sadio companheirismo que anima os rotários.

Coube ao Rotary Clube de Albufeira (jovem Clube com 8 anos de existência) a notável realização desta 33.ª Conferência do Distrito Rotário 196. (A direcção do R. C. de Albufeira para o ano 1978/79 tem a seguinte composição: Presidente, Olávio Brazão, Secretário, Manuel Pardana; Tesoureiro Cândido Vieira Coelho; Protocolo, Francisco Valentim e Orlando Cunha (Presidente da Comissão Organizadora: Cabrita Neto, fundador do Clube e seu primeiro Presidente em 1971/72).

Estiveram presentes praticamente todos os Clubes Rotários Portugueses (50 Clubes) e a Conferência foi presidida pelo Governador (78/79) do Distrito Rotário António José Saraiva. O Presidente dos Rotários Internacional Clem Renou, enviou seu representante à Conferência Pierre David rotário francês de Lezignan Corbieres, que já foi Governador de um Distrito Rotário em França.

Os temas da Conferência deste ano foram as seguintes:

1.º — O Distrito Rotário 196 e a Terceira Idade, que teve como moderador Mendes Quintela.

2.º — O Ano Internacional da Criança e Rotary, que teve como moderador Amadeu Andrés.

Os temas foram amplamente debatidos, tendo o Distrito 196 publicado livros sobre estes assuntos que foram distribuídos a todos os presentes. Teve a participação especial durante os trabalhos o Bispo do Algarve Dom Ernesto, que interveio directamente e elogiou as actividades dos Rotários Portugueses (foi a primeira vez que um Bispo católico participou directamente numa Conferência Rotária Portuguesa). Os principais dirigentes dos Rotários em Portugal apresenta-

O concilium dos bacos

A Democracia vai morrer... Ninguém a vela.

Enquanto a maioria de esquerda espalha por toda a parte, o seu engenho e arte de desestabilizar, o País latinizante que somos, continuará possuído de estranhas bestas aos coices com aqueles que por obras valerosas se vão da lei da Morte libertando.

Aqui, da Ocidental praia Lusitana, há Reis procurando dilatar o Império vicioso do comunismo e afirmando-se de peito ilustre enganando todos os cegos que obedecem à Cartilha Constitucional.

Cautelosos como os Mouros, de hábitos fingidos e bocas maliciosas, socialistas e comunistas, tão turvados na figura, impedem o funcionamento de todas as instituições democráticas e patrióticas desde que o Sol não lhes mostre a frota do totalitarismo, onde os Adamastores se repetem nos mares das mais amplas liberdades.

A Assembleia que deveria, com rosto humano, fabricar a legislação que permitisse a recuperação nacional, é o concilium dos Bacos onde impera o peito alheio, os soviets da roxa fronte, coadjuvados pelos que já aprenderam

a estorvar todas as batalhas que pretendam o renascimento de Portugal.

Para a democracia sobreviver terá de morrer a Constituição e com ela a maioria de esquerda. A Democracia não nasce da Semele marxista nem se constrói com os Grãos Tebanos de maus intentos.

A crise em que vivemos não se trata dum simples efeito de má educação, de uma latinização ruborizada pelas contradições entre as coisas e as pessoas. Ela tem as pontas roxas e os olhos vermelhudos da trovejante infiltração do internacionalismo social-fascista, mais conhecido pelas brutas gentes que atraíam a Pátria como Antenor.

Andam em todas as terras com suas manhas, os duques do exílio, armados de fortes, valentes e experimentados, na teimosia de repetirem uma nova ditadura que nos mastigue.

Os Bacos do vinho já mataram a sua comercialização porque era tradição das grandes riquezas dos Lusos. Apoderaram-se das especiarias africanas porque as cabeças e os braços dos Lusos eram colonialistas.

Na Assembleia diabólica de vulgaridades e baixezas, quase ninguém ousa perturbar o sentido falso da maioria fatídica que adivinha um futuro negro. Nota-se a concordância dos jogos de Belona, as traições dos rotos, com o crédito dos mares inimigos, dos enganos e dos pífidos costumes.

A Democracia não se constrói com os trovões horrendos de Vulcano destruindo os lares lusitanos. Torna-se necessário dissolver a maioria vulcânica da Assembleia escandalizada, para bem do vulto do homem Português, o poeta das Tágides, as cerúleas águas do Tejo. Precisamos de gente nova, fiéis aos passos da História, que não se coloquem numa cadeira ao pé do mastro de bandeiras internacionais, de braços cruzados e penas troçadas, a comandarem friamente os artificios ditatoriais e os mamelucos que, por ignorância, enveredaram pelo marxismo do Kremlin.

Reparai na «Liberdade» que há nos regimens impostos pela força social-fascista. Os axes da repressão, os fuzilamentos em massa, o acento tónico na mentira e na voz única dos mandantes. Por isso, multidão de Lusos descontentes, abri os olhos e vede como é impossível recuperar Portugal, enquanto o concilium dos Bacos rejeita toda a legislação tendente a melhorar a nossa situação. Que o vosso coração bata com tamanha força de modo a garantir, nas próximas eleições, uma maioria de patriotas e verdadeiros democratas! Desse que não se deixam cercar pelo processo dos Bacos!

Luís Pereira

Tratamentos fitossanitários da videira e árvores frutícolas

Da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, recebemos um comunicado relacionado com os tratamentos fitossanitários da videira e árvores frutícolas, que a seguir transcrevemos:

MILDIO DA VIDEIRA — Algumas vinhas da Região já se encontram em estado vegetativo muito adiantado. O tempo húmido (chuvas) pode favorecer as primeiras contaminações (focos primários), principalmente nas vinhas instaladas em terrenos com excessiva humidade, ou que estiveram submersas durante algum tempo. Recomendamos imediatamente a aplicação de um tratamento anti-mildio, usando fungicidas orgânicos ou organo-cupricos.

OIDIO DA VIDEIRA — É uma doença muito generalizada nas nossas vinhas e que é vulgarmente conhecida por cinza ou cinzeiro. Em certos anos pode provocar grandes prejuízos, principalmente nas castas de uva de mesa, não só pela destruição de grande parte da produção, como também pela desvalorização re-

sultante do mau aspecto dos bagos nos cachos contaminados.

É conveniente contrariar o desenvolvimento desta doença, quando as vinhas atingem o estado vegetativo de cachos visíveis, utilizando enxofre em pó e, principalmente, nas vinhas onde esta doença se tem manifestado com intensidade nos anos anteriores.

Em casos normais é possível controlar esta doença com três aplicações fixas de enxofre em pó que devem coincidir com os seguintes Estados Fenológicos: Cachos visíveis, desde a floração até à alimpa e durante a fase de grão de ervilha.

ALTICA DA VINHA (Pulgão) — Quando for observado o aparecimento desta praga, recomendamos a aplicação dos insecticidas, que actuem por contacto e ingestão e devem conter uma das seguintes substâncias activas:

Azinfos-etilo, Azinfos-etilo+Lindano, Azinfos-metilo, Carbaril, Fosfomidão Lindano, Malatión

III ENCONTRO DE COROS NO ALGARVE

O Conservatório Regional do Algarve e o Grupo Coral de Lagos mais uma vez realizaram um encontro de Coros em que estiveram presentes o Coro da Covilhã, Castelo Branco, Coimbra, Lisboa, Olivais e os dois do Algarve.

A Sé Catedral de Faro mais uma vez foi pequena para todo o público que encheu de ponta a ponta e nunca é demais referir que 70% dessa assistência esteve de pé mais de 3 horas. É preciso gostar muito do que se está a ouvir e ver, para se aguentar tão pouco cómoda forma, de ouvir um concerto.

O que foi o encontro, é difícil de descrever pois que cantando cada coro durante 10 minutos não é tempo suficiente para com justiça fazer uma ideia concreta.

Porém ao ouvir as 3 peças em que todos os coros actuaram em

conjunto, já podemos dizer que não é sensível a diferença entre cada coro, pois caso contrário não seria possível obter aquela perfeição a que assistimos emocionados.

Qualquer das obras escolhidas para final do concerto eram dignas de qualquer sala mundial, mas as duas últimas foram executadas de forma superior. O Gloria, de Schubert e o Canticum Jubilo, de Haendel foram duas obras executadas com alma, com garra, a que o público correspondeu com uma estrondosa ovação que levou a repetir a última. De parabéns estão todos os que contribuíram para esta grande jornada, mas não podemos esquecer que tudo isto é fruto saído dessa frondosa árvore que hoje já é o Conservatório Regional do Algarve.

P. A.